

Relação dialética entre o reaquecimento econômico e a retomada das lutas dos trabalhadores

Resumo: GT 1. Os protestos contra a crise econômica, política e ideológica

Autor: PAULO ERICO PONTES CARDOSO ¹

Palavras-chave: Crise, luta de classes, Dialética

Apresentação

O presente trabalho dispõe-se a analisar a relação dialética dos ciclos econômicos e a luta de classes, avaliando a influência do reaquecimento industrial e econômico na retomada das lutas dos trabalhadores durante as experiências russa, 1905-1914; chinesa, 1927-1937; e brasileiras, 1964-1978, e recentemente, no ano de 2013.

O objetivo é identificar uma relação de interdependência no curso geral dos três processos que serão apresentados e também por sob questionamento o mito da vinculação mecânica entre crise econômica capitalista e surto proletário revolucionário, evitando a abordagem do materialismo vulgar que tenta forçar uma relação de dependência automática da política com a economia. Ao negar essa influência automática e progressiva, não queremos cair no erro oposto de que poderia considerar impossível um ascenso social em períodos de crise. Apenas assinalamos que a experiência de algumas situações ensina que em meio a uma crise econômica, sob desemprego crescente, tende a haver um certo abatimento da classe trabalhadora, uma desconfiança no poder de suas próprias forças e a dispersão política. Busca-se compreender o papel do elemento estrutural tanto no refluxo das lutas econômicas e políticas, quanto no movimento inverso, em um novo curso ascendente da luta dos trabalhadores, sem descartar que outras condições objetivas e subjetivas são necessárias para esse novo curso.

A tendência predominante é a de que a recessão econômica e o desemprego não criam situações revolucionárias, contrariando aqueles que pensam que a crise capitalista é a parteira de revoluções; e, em uma variante contrária, mesmo sob a opressão de uma ditadura contrarrevolucionária, imposta para aumentar a exploração capitalista, pode haver um reaquecimento excepcional da luta sindical e também da luta política proletária; embora

¹ Mestrando no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Ceará.
E-mail: uz1871@yahoo.com.br

acreditemos que essa é uma perspectiva que só se apresentará em médio prazo no Brasil e que a revolução não nasce diretamente do acúmulo das lutas econômicas.

Como metodologia optou-se por uma pesquisa teórico- bibliográfica fundada na perspectiva materialista dialética acerca da histórica econômica dos momentos da luta de classes avaliados.

A experiência russa (1905-1914)

O papel do reaquecimento industrial na retomada das lutas

Em sua obra autobiográfica “Minha Vida” Trotsky destaca suas observações sobre a relação entre os altos e baixos da economia capitalista e o fluxo e refluxo da luta dos trabalhadores entre a derrota da revolução de 1905 e a I Guerra Mundial:

Nos anos de reação, me dediquei a estudar o problema da situação na indústria e no comércio, tanto do ponto de vista mundial quanto nacional. Movia-me o objetivo revolucionário de desvendar a relação de dependência entre as oscilações comerciais e industriais e as fases em que o movimento operário adquire características revolucionárias. Também aqui, como sempre, eu tomei o cuidado de não buscar estabelecer uma relação de dependência automática da política com a economia. Havia uma relação de interdependência que era necessário demonstrar pelo curso geral do processo. Quando ocorreu a catástrofe da ‘sexta-feira negra’, da quebra da bolsa de Nova York, ainda estávamos de férias na pequena cidade boêmia de Hirschberg [hoje localizada na República Checa]. Aquele abalo foi a primeira manifestação de uma crise mundial, que necessariamente afetou a Rússia, já tão castigada pela Guerra Russo-Japonesa e os acontecimentos da revolução [de 1905]. Quais eram as expectativas sobre as consequências desta crise? A visão que prevalecia no partido, em suas duas frações, era a de que a crise iria aguçar o movimento revolucionário. Eu não partilham desta opinião. Depois de um período de grandes dificuldades e contratempos, as crises não agem sobre a classe trabalhadora de forma a animá-la, mas a deprimi-la, desconfiando de suas próprias forças e dispersando-se politicamente. Em tais circunstâncias, apenas um novo reaquecimento industrial pode manter a coesão do proletariado, infundindo nova vida, restabelecer sua confiança e colocá-lo em posição de voltar a luta. Essa era a perspectiva que eu possuía, enfrentando críticas e desconfiança. Além disso, os economistas oficiais do partido compreendiam que aquele boom industrial que eu considerava necessário, era absolutamente impossível de acontecer em um regime contrarrevolucionário. Eu, pelo contrário, acredito que era inevitável e que isso iria provocar uma nova onda de greves, após a qual uma nova crise econômica desencadearia a luta revolucionária novamente.

Os fatos vieram confirmar totalmente essa previsão. A indústria russa começou a fortificar, apesar da contrarrevolução, a partir do ano 1910. O movimento ascendente foi acompanhado por uma série de greves. O fuzilamento de operários das minas de ouro de Lena, em 1912, repercutiu com enorme ressonância em todo o país. Em 1914, quando a crise era inconfundível, São Petersburgo novamente testemunhou as barricadas dos trabalhadores. Poincaré, convidado do Czar na véspera da guerra, foi capaz de testemunhá-los.

Mais adiante, estas experiências teóricas e políticas prestaram-me preciosos serviços. Quando no Terceiro Congresso da Internacional Comunista previ que a Europa do pós-Guerra gestaria, inevitavelmente, um auge econômico

no qual germinariam novas crises revolucionárias, tive que enfrentar uma enorme maioria. E, todavia, recentemente, no sexto congresso do 'Comintern' tive de acusa-los de não haver sabido prever a mudança na situação econômica e política produzida na China, quando, ao ser cruelmente reprimida a revolução, cometeram o erro de pensar que esta seguiria adiante, alentada pela aguda crise econômica do país.

A dialética do processo não tem em si nada de complicado. Mas é mais fácil formulá-la em seus traços gerais que ir descobrindo-a passo a passo e ao vivo diante da realidade. Todos os dias alguém tropeça nessas questões com os preconceitos mais irredutíveis, de onde nascem grandes erros políticos com graves consequências. (Trotsky, 1978)

Ao longo do último século houve meia dúzia de quedas na Bolsa de Wall Street (1929, 1987, 2001, 2008). A que se refere a citação acima ocorreu em 12 de Dezembro de 1914: Foi a maior queda de todas, não em valores absolutos mas em percentagem, do Dow Jones, durante a Primeira Guerra Mundial. O conflito levou ao encerramento da bolsa de Nova Iorque a 30 de Julho, dois dias após a invasão da Sérvia pelo Império Austro-Húngaro, no seguimento do assassinato do arquiduque Francisco Fernando. A bolsa esteve quase cinco meses encerrada, afundando 24,39%. Reabriu em 12 de dezembro.

Bolcheviques e Mencheviques comemoraram a queda da bolsa e a chegada da crise econômica mundial que iria aguçar o movimento revolucionário. Trotsky se opôs a avaliação manifesta pelos principais representantes das duas frações sobre a questão e apostou que a tendência era oposta. O movimento ascendente acompanhou o fortalecimento da indústria russa em 1910, mas, 1912 e 1914 foram marcados pela repressão política e pela crise econômica que se abateu também sobre as mobilizações. A guerra estendeu essa situação por mais três anos, abrindo finalmente a vaga revolucionária de 1917.

Em outros dois momentos, ele e a maioria do partido fizeram caracterizações opostas sobre a tendência do movimento de massas. A partir de 1917, quando Trotsky previu ondas revolucionárias que se confirmaram na Rússia (1917), Alemanha (1918) e Itália (1919-1920). E novamente após os massacres de Xangai e Cantão, a maioria do VI Congresso da III Internacional, caracterizou que a revolução chinesa não havia sido derrotada pela sanguinária repressão, e que a aguda crise econômica que se sucedeu (em 1929) representava uma mudança da situação política e econômica favorável a um novo movimento revolucionário. Em ambos, os prognósticos do revolucionário russo se revelaram mais acertados.

A crise econômica não traz automaticamente um surto revolucionário. Tendem a cometer equívocos os que rejeitaram uma compreensão dialética da relação entre o ciclo econômico e a luta de classes e substituem seu próprio esquema no qual acreditam em "processos objetivos irresistíveis" ora como como materialistas vulgares, ora com

voluntarismo idealista. Em sua biografia incompleta de Stalin, Trotsky escreveu melhor sobre o tema:

Após o ressurgimento industrial, no decurso do qual uma luta de greve muito massiva tinha conseguido se desenvolver, um súbito declínio da situação poderia gerar diretamente um ressurgimento revolucionário, desde que as outras condições necessárias estivessem presentes. Por outro lado, depois de um longo período de luta revolucionária que terminou em derrota, uma crise industrial, dividindo e enfraquecendo o proletariado, poderia destruir completamente seu espírito de luta. Ou, mais uma vez, um ressurgimento industrial, após um longo período de reação, é capaz de reviver o movimento operário, em grande parte sob a forma de uma luta econômica, após o que a nova crise pode recolocar a energia das massas nos trilhos da luta política' (LTT, 1992).

O texto acima, que faz parte da obra "Stalin", de 1940, pouco antes do assassinato de Trotsky por um agente stalinista. Portanto, foi escrito uma década depois de sua autobiografia "Minha Vida". Condensa melhor, com mais mediações e em forma da síntese a elaboração do revolucionário em sua maturidade.

A experiência chinesa (1927-1937)

"O que mudará a maré do movimento de massas?"

Quando os grandes PCs da Rússia e China russo e chinês alimentavam ilusões kamikazes no ascenso revolucionário iminente da vanguarda proletária chinesa acerca de um novo ascenso revolucionário na China entre as crises econômicas de 1929 e 1937, Trotsky contra argumentava:

O processo depende inteiramente das circunstâncias. As consequências da derrota não podem ser removidas apenas revisando-se a tática. A revolução agora passou. A tagarelice, acobertada pela resolução do Comitê Executivo da Internacional Comunista, sobre a investida revolucionária iminente, devido as incontáveis execuções e a crise comercial e industrial terrível que assola a China, é uma ideia insensata e criminoso e nada mais. Depois de três grandes derrotas, uma crise econômica não levanta, ao contrário, deprime o proletariado que já foi sangrado, enquanto as execuções apenas destroem o partido politicamente enfraquecido. Estamos entrando na China em um período de refluxo e, conseqüentemente, em um período em que o partido aprofunda suas raízes teóricas, se educa criticamente, cria e fortalece laços organizativos firmes em todas as esferas do movimento da classe trabalhadora, organiza núcleos rurais, lidera e une parcialmente primeiro as lutas defensivas, e depois ofensivas dos trabalhadores e camponeses pobres.

O que mudará a maré do movimento de massas? Que circunstâncias darão o necessário impulso revolucionário para a vanguarda proletária, à frente da massa de muitos milhões? Isso não pode ser previsto. O futuro mostrará se apenas processos internos serão suficientes ou se um impulso adicional deverá vir de fora.

Há razões suficientes para assumir que o esmagamento da revolução chinesa, devido diretamente a uma direção falsa, permitirá que a burguesia chinesa e estrangeira superem em menor ou maior grau a crise econômica assustadora que agora assola o país. Naturalmente, isso será feito sobre as costas e os ossos

dos trabalhadores e camponeses. Essa fase de “estabilização” irá novamente agrupar e juntar os trabalhadores, restaurar sua confiança de classe para então leva-los a um conflito ainda mais agudo com o inimigo, mas em um estágio histórico superior. Será possível falar seriamente sobre a perspectiva de uma revolução agrária apenas com a condição de que haverá uma nova onda do movimento operário na ofensiva.

É possível que a terceira etapa da revolução reproduza de forma resumida e modificada as etapas pelas quais elas já passaram, apresentando, por exemplo, alguma nova paródia da “frente única nacional”. Mas essa nova etapa será suficiente apenas para dar ao Partido Comunista a chance de se colocar à frente e anunciar suas “teses de abril”, isto é, seu programa e táticas para a tomada do poder, perante as massas. (Trotsky, 1928).

As derrotas do proletariado urbano obrigaram o PC chinês a fugir das cidades e a empreender uma *Longa Marcha* e uma *Guerra popular prolongada*, como ficaram conhecidas as táticas de Mao Tse Tung, contra o partido burguês nacionalista, Kuomintang, até 1937, quando teve início a nova guerra sino-japonesa (1937-1945), parte da Segunda Guerra mundial. A orientação política do PC russo para a China foi desastrosa e apenas potenciava a derrota e a desmoralização. Hoje alguns setores minoritários da esquerda brasileira, repetem os erros do stalinismo e abusam da “tagarelice... sobre a investida revolucionária iminente”, talvez seja mais “uma ideia insensata e criminosa e nada mais”.

É possível que por algum tempo ainda, no horizonte seja mais provável que se erga uma investida contrarrevolucionária iminente. Como lutadores sociais não a queremos, obviamente, nos opomos a ela com todas as nossas forças, mas a realidade precisa ser diagnosticada tal como ela é ou, melhor dizendo, está, para além de nossa vontade e de nossos esforços militantes. Como nos ensinou o filósofo racionalista holandês Baruch Spinoza, em seu Tratado Político (1677): “Nem para rir nem chorar, mas compreender”. Momentos difíceis como o atual exigem mais paciência para compreender o curso atual da luta de classes e as tendências fundamentais do futuro para agir e transformar a realidade adversa.

Do pós II Guerra aos nossos dias

Oscilações econômicas e o fluxo da luta dos trabalhadores

A relação entre as oscilações econômicas e o fluxo da luta dos trabalhadores se comprovaram na segunda metade do século XX e seguem plenamente vigente no século XXI. Logo após a Segunda Guerra Mundial, abriu-se um período que os economistas chamam de os "anos dourados" do capitalismo (1945-1975), simultaneamente as lutas do proletariado industrial do ocidente europeu também tiveram seu pico do crescimento, como

o outono quente italiano e no maio francês. Nesse mesmo período, ocorreram processos de expropriação do capitalismo no Leste Europeu, nos Balcãs, China, Cuba e Vietnã. Um terço da população mundial passou a viver em nações onde inexistia a propriedade privada dos meios de produção. Assim, graças aos "30 anos dourados" de crescimento do capitalismo industrial, mesmo sob direções stalinistas, nacionalistas, centristas, ocorreram revoluções que criaram Estados operários. Depois de 1975, a economia mundial continuou se expandindo mas já sob uma onda de desindustrialização recessiva e parece existir uma relação evidente entre a predominante na economia nos últimos 40 anos e o fato da última revolução proletária vitoriosa ser a do Vietnã, em 1975. A partir de então as direções stalinistas, nacionalistas, centristas, condutoras do processo revolucionário em distintas nações, como na Nicarágua, Irã, Burkina Faso não puderam avançar mais além dos limites do Estado capitalista. Em todo esse período, o trotskismo limitou-se a ser uma corrente intelectual crítica, sem evoluir da crítica à práxis superadora das direções políticas que criticava.

É certo também, que além do boom econômico do pós-guerra, havia um fator objetivo a influenciar a luta de classes, a existência da URSS, o primeiro Estado operário do planeta, erguido pela ação consciente do proletariado em forma de partido político, o bolchevismo. Também é certo que a URSS que sobreviveu a décadas de parasitismo burocrático chegou a seu esgotamento econômico final quando se esgotou o ciclo de crescimento capitalista-imperialista. A URSS sobreviveu a crise de 1929, mas foi a partir de então que a burocratização deu o salto de qualidade que se expressou politicamente nos Processos de Moscou na década seguinte. Isso explica porque o Estado Operário não pode se separar do mercado mundial, porque é inviável o mito do "socialismo em um só país" e porque a revolução universal e permanente é necessária.

A experiência brasileira (1978, 1989, 2013)

Reaquecimento econômico, redução da taxa de desemprego e ascenso das lutas

Inicialmente é importante destacar como foi a dinâmica econômica durante a ditadura militar. Após um período de ajuste inicial recessivo, de março de 1964 até fins de 1967, marcado pela reorganização do sistema financeiro do Brasil, pela recuperação da capacidade fiscal do Estado e maior estabilidade monetária, iniciou-se em 1968 um período de forte expansão econômica no Brasil. De 1968 a 1973 o PIB brasileiro cresceu a uma taxa média acima de 10% ao ano, a inflação oscilou entre 15% e 20% ao ano e a

construção civil cresceu, em média, 15% ao ano. Os “Anos de chumbo” pavimentaram o as condições do “Milagre econômico” e foram simultâneos.

Também o regime nascido do golpe de 1964 patinou em seus primeiros três anos. Embora o golpe tenha ocorrido dentro de um quadro geral de crescimento mundial capitalista, Esse período paradoxal da História do Brasil não pode ser compreendido pelo prisma da lógica formal: O Milagre Brasileiro e os Anos de Chumbo foram simultâneos. Ambos reais, coexistiam negando-se. Passados mais de trinta anos, continuam negando-se. Quem acha que houve um, não acredita (ou não gosta de admitir) que houve o outro. (GASPARI, 2002).

Esse paradoxo não admitido pela direita nem por parte da esquerda só pode ser compreendido por uma análise da conjuntura apoiada na unidade dos contrários. Retomemos a citação de Trotsky:

Os economistas oficiais do partido compreendiam que aquele boom industrial que eu considerava necessário, era absolutamente impossível de acontecer em um regime contrarrevolucionário. Eu, pelo contrário, acredito que era inevitável e que isso iria provocar uma nova onda de greves, após a qual uma nova crise econômica desencadearia a luta revolucionária novamente. (Trotsky, 1978)

No Brasil, em meio ao regime contrarrevolucionário dos “anos de chumbo” ocorreu um “boom produtivo”, na verdade, o regime de repressão política instaurado com o golpe de Estado e sobretudo depois do AI-5, foi montado para aumentar a exploração capitalista dos trabalhadores. Isto promoveu uma fase inédita de acumulação capitalista no país e, em um segundo momento, a onda greves operárias do ABC paulista entre 78 e 80, seguida por praticamente todas as demais categorias de trabalhadores. Esses foram o principal elemento da luta de classes a precipitar o fim do regime militar.

Dentre as narrativas e análise do período, encontra-se entre a do camarada comunista e na época metalúrgico, Vito Giannotti, que soube muito bem compreender as contradições e perspectivas do processo:

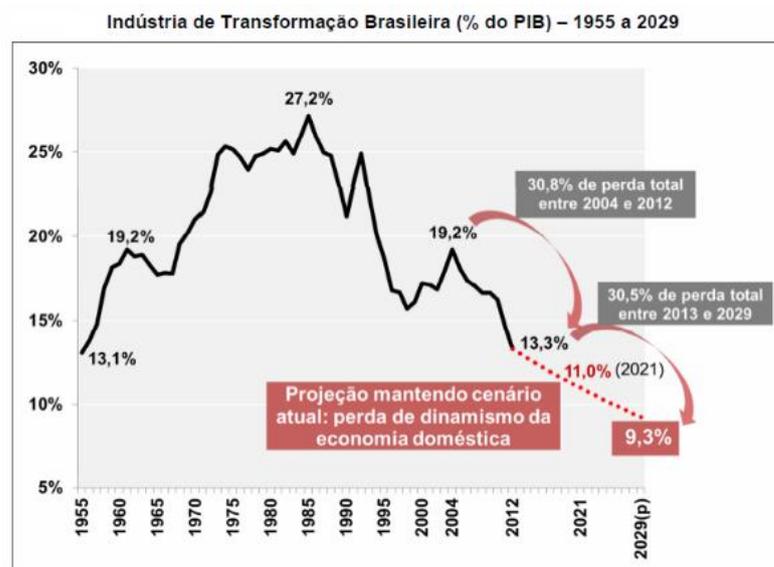
A ditadura conseguiu garantir um grande salto na economia, a serviço do capital nacional e internacional. A livre entrada e, sobretudo, a livre saída de dólares garantiram uma retomada econômica. O capital internacional veio para o Brasil. A ditadura lhe garantiu a superexploração de uma classe trabalhadora paralisada pela repressão. Bilhões de dólares foram tomados emprestados pelo ministro do Planejamento da Ditadura, Antonio Delfin Neto. Com prazo de carência de dez anos, esses recursos eram uma benção para a Ditadura. Na verdade, esses empréstimos provocaram um salto na dívida externa do país, de 2,4 bilhões de dólares em 1964, para 148 bilhões, vinte anos depois, de acordo com dados do Banco Central... Em 1969, graças a esses empréstimos, cuja cobrança irá explodir entre 1980 e 1981, tem início o ‘milagre brasileiro’. A

economia cresceu índices elevados, a uma média de 10% ao ano. Em 1973, chegou a 11,4%. O desemprego diminuiu fortemente. As empresas impunham horas extras e o ritmo de produção aumentava a cada dia. Mais pessoas de uma mesma família eram absorvidas pelo mercado de trabalho, o que diluía a percepção do achatamento dos salários... As montadoras de automóveis produziam quase um milhão de carros por ano. (Giannotti, 2007).

Nem tão somente a resistência eleitoral capitalizada pelo MDB, nem a heroica mas esmagada luta armada foram suficientes para derrotar o regime ditatorial. Foram as greves operárias do ABC paulista entre 78 e 80 o principal elemento da luta de classes a precipitar o fim do regime militar. Segundo Giannotti “calcula-se que o número de grevistas no Brasil, durante todo o ano de 1978, tenha chegado a um milhão.” (idem). Movimento que mais tarde desembocou na formação do PT e nas lutas dos anos 1980. Os trabalhadores, tendo a sua frente os metalúrgicos, saíram às ruas para lutar por melhores salários e a sua parte no “milagre econômico”. Esse período de explosão excepcional das lutas proletárias, não por coincidência, coincidiu com momentos de industrialização e queda do desemprego: "O Sindicato dos Metalúrgicos de São Bernardo registrou no ano passado (1979) 13.083 dispensas. No ano anterior, 16.220. Em 1977, 19.541" — transcrito de O Estado de S Paulo (17/2/1980). (Biondi, 1980).

A experiência brasileira (1964-1978): o “milagre econômico”, Pode-se dizer que a experiência de formação política continuada desde a década de 1960 iniciada por pequenos núcleos comunistas, por um lado, mas, sobretudo pelas Comunidades Eclesiais de Base (CEBS). Segundo Giannotti, “em todo o Brasil, as CEBS chegaram a ter mais de oitenta mil núcleos, envolvendo dois milhões de ativistas sociais” (2009). Essa formação política enriqueceram política e ideologicamente as greves operárias, reformaram a direção do movimento sindical superando o peleguismo e promoveram a reconstrução completa do movimento de massas e da vanguarda.

Todavia, a economia do país sofre a partir de meados da década de 1980 com a onda neoliberal mundial e uma nova colonização, a elevação da taxa de juros, a reprimarização da economia em favor da condição dependente de uma condição agro-exportadora na divisão internacional do trabalho que provocam uma perda de força da indústria. Como registra o gráfico abaixo feito pela Federação das Indústrias do Estado de São Paulo (FIESP), a associação da burguesia industrial que migrou seus capitais para os bancos com a elevação da taxa de juros, o auge de seu peso sobre o PIB foi o ano de 1985.



Nota: Série 1955-1994 com ajuste Depecon/FIESP devido à alteração no Sistema de Contas Nacionais.
 Fonte: SCN/IBGE. Depecon/FIESP. (p) Projeção FEA/USP, Ribeirão Preto.

No ano de 1989, a transição democrática da década de 1980, a sabotagem da luta por eleições diretas, as manobras do chamado Centrão (bloco parlamentar de direita empresarial-latifundiário no Congresso) para impedir avanços na Constituinte e a corrosão salarial imposta pela Nova República promoveram uma recuperação econômica e redução do desemprego. A insatisfação popular acumulada contra tudo isso resultou em uma explosão de greves proletárias, chegando a 1.962 greves (Rede Brasil Atual, 2015).

A industrialização brasileira das últimas décadas tem apresentado um desempenho integrador ao nível do mercado de trabalho, alegando como defesa de sua tese a capacidade da indústria em absorver produtivamente uma grande parcela de mão-de-obra que afluía em décadas passadas ao mercado de trabalho urbano, assim como o ritmo veloz decréscimo do assalariamento da força de trabalho ocorrido principalmente nas últimas três décadas. No Brasil, o ano de 1989 inicia com uma taxa de desemprego aberto declinante quando comparada com os mesmos meses do ano anterior e assim se mantém até agosto — último dado disponível conforme a PME. Em especial a partir de maio do mesmo ano, verificam-se níveis de desocupação somente ocorridos durante o ano do Plano Cruzado, quando foram os mais baixos da década. Em agosto de 1986, para dar um exemplo, o número estimado de pessoas desocupadas pela PME foi de 547.000, enquanto em agosto de 1989 foi de 553.000. Da mesma forma, a taxa de desemprego aberto cai em todos os meses em relação ao mesmo período do ano anterior, passando, por exemplo, de 4,16% em agosto de 1988 para 3,22% em agosto de 1989... No que diz respeito ao comportamento da taxa de desemprego aberto por setor de atividade, também se identifica uma queda em todos os setores. Em termos percentuais, o declínio mais acentuado ocorreu na construção civil (27%). A Indústria de transformação e o setor serviços também apresentaram queda de 23% na comparação com o mesmo mês do ano anterior, tomando-se o mês de agosto. Passando-se para a análise do nível de ocupação, observa-se a mesma tendência, cresce o número estimado de pessoas ocupadas. Todos os setores de atividades aumentaram seu nível de ocupação. A Indústria ocupou mais 143.000 pessoas; os serviços, 170.000 pessoas; o comércio, 103.000 pessoas; e a construção civil, 26.000 pessoas em agosto de 1989 relativamente ao mesmo mês de 1988. [...] Todas as informações apresentadas tanto a nível das pessoas ocupadas como da taxa de desemprego aberto sugerem um quadro positivo de recuperação econômica. (Arandia, 1990)

A indústria, inclusive a da construção civil, pode puxar o reaquecimento econômico, mas veremos que mesmo sob o fenômeno da desindustrialização e reprimarização da economia, uma vez que cai a taxa de desemprego os trabalhadores sentem-se mais a vontade para lutar por suas reivindicações econômicas e imediatas. E as greves isoladas, sindicais, como “escolas de guerra” (Lenin, 1899) da classe trabalhadora lhes ensinam a necessidade de empreender lutas cada vez mais amplas da classe, greves e lutas políticas contra o regime, etc.

Greves no Brasil

Movimentos atingiram pico nos anos 1990

Ano	Total
1984	408
1985	621
1986	1.014
1987	996
1988	877
1989	1.962
1990	1.773
1991	1.041
1992	556
1993	644
1994	1.035
1995	1.056
1996	1.228
1997	631
1998	531
1999	506
2000	525
2001	416
2002	298
2003	340
2004	302
2005	299
2006	320
2007	316
2008	411
2009	518
2010	445
2011	554
2012	877
2013	2.050

FONTE: DIEESE

Note-se pela tabela acima que mesmo na neoliberal e reprimarizante da década de 1990 ocorreram picos de anos grevistas. Depois do refluxo dos primeiros anos de governos petistas, de cooptação e desmobilização da classe trabalhadora, quando o governo Dilma comemorou o “pleno emprego” explodiu o número de greves de 877, em 2012, pulando para 2.050, em 2013.



Muitos analistas das jornadas de junho não compreendem a base estrutural da explosão desse ano e atribuem ao processo características superestimadas. Mesmo os poucos que reconhecem a explosão do número de greves, acreditam que as mesmas existiram simplesmente graça a influência das manifestações estudantis. O que não é verdade. Como tudo na vida, conspiraram para a excepcionalidade de 2013 uma série de fatores. O “pleno emprego” foi um deles. Todavia, não se pode desprezar, que o que a primeiro momento constituiu a força das jornadas de junho, seu caráter espontâneo, que, em nosso entendimento, em alguma medida foi influenciado pelo aquecimento econômico, converteu-se em sua debilidade. Debilidade que foi explorada pelo imperialismo, pela grande mídia burguesa e pela direita para inaugurar os artifícios da chamada guerra híbrida no Brasil. Aproveitando-se da falta de experiência política da quase totalidade dos manifestantes e na retração política e ideológica da esquerda, a direita tratou de estimular a suspeita e a hostilidade contra os partidos e as organizações sociais da esquerda para isolar e, em algumas situações, expulsar manifestantes com bandeiras partidárias, pessoas que usassem vermelho, de dentro das manifestações. Conseguiu e ao final “sequestrou” as jornadas para acumular em favor do passo seguinte, no segundo semestre, dando início ao processo de “regime change” contra o governo do PT, retomando com força em 2013 o processo do mensalão aberto em 2005-6 e continuando nos anos seguintes. Pela primeira vez desde 1964, a direita voltou a rua com grandes manifestações de caráter reacionário, mesclando homofobia, racismo, machismo, reivindicando a volta da ditadura militar, o “Fora Dilma!” e o “Fora PT!”, contra Cuba.

Existirá um novo ascenso dos trabalhadores? Certamente!

Mesmo sob um regime contrarrevolucionário? É possível.

A crise econômica capitalista e o desemprego deprimem a luta sindical, a luta política dos trabalhadores e, sobretudo, sua organização e ação revolucionárias. No sentido contrário, a recuperação econômica burguesa abre oportunidade para o reaquecimento da luta dos trabalhadores por seus direitos e a atividade revolucionária de sua vanguarda. Então, podemos deduzir as seguintes questões:

1) a tendência predominante é a de que a recessão econômica e o desemprego não cria situações revolucionárias, contrariando aqueles que pensam que a crise capitalista é a parteira de revoluções;

2) Mesmo sob a opressão de uma ditadura contrarrevolucionária, imposta para aumentar a exploração capitalista sobre os trabalhadores, pode haver um reaquecimento da luta sindical e também da luta revolucionária;

3) Os processos revolucionários que existiram na história não nascem exclusivamente da luta política, mas muitas vezes de demandas imediatas, econômicas, greves, manifestações pontuais. Embora, não seja suficiente o acúmulo de lutas econômicas para a consubstanciação de um processo revolucionário;

4) Nos processos descritos aqui são distintos, a história não se repete nem a vida real social obedece uma linearidade, mas é possível, apenas por uma questão de pesquisa e fracionamento arbitrário de elementos contraditórios do objeto estudado, verificar certas semelhanças na ordem dos componentes combinados em alguns momentos da experiência da luta de classes da Rússia, na China e no Brasil, a saber: 1) a crise econômica prolongada por alguns anos; 2) a expansão do um exército industrial de reserva de desempregados; 3) um novo ressurgimento industrial que absorve o exército de desempregados; 4) um súbito decaimento da economia; 5) um novo afluxo de massas das lutas proletárias econômicas e políticas desde que as outras condições necessárias estivessem presentes. Dentre essas condições, uma militância de esquerda com atividade regular, paciente e prolongada da vanguarda socialista e comunista sobre a população trabalhadora em seus locais de trabalho, estudo e moradia.

Por pior que possa vir a ser a situação, historicamente, a maioria da população sempre deu uma volta por cima, impondo aos exploradores e opressores recuos que geraram conquistas no modo de vida dessa maioria. E por isso a humanidade avançou para frente. A história não acabou. Os que precocemente chegaram a comemorar categoricamente o fim da história após a restauração do capitalismo na URSS e no Leste Europeu, tiveram que voltar atrás.

A possível dinâmica:

recessão-refluxo-reaquecimento- novo ascenso das lutas dos trabalhadores

É possível que no curso do Golpe de Estado realizado em 2016, o Brasil caminhe para uma ditadura escravocrata sobre o conjunto de nossa classe. Já modificaram a legislação (trabalhista, civil e social) o suficiente para dizermos que aquela constituição de 1988 foi profundamente modificada. Revogaram até o conceito de trabalho escravo para limpar o terreno dessa nova ofensiva escravocrata. A atual situação é desfavorável para as lutas de massas, mas não é permanente. Como todo processo histórico, possui contradições que lhe servem de combustível para seu automovimento. Por exemplo, talvez, continuado esse curso, torne-se muito mais vantajoso ao capital redimensionar seus investimentos especulativos e investir na superexploração da mão de obra semiescrava. Tal movimento pode provocar uma redução do exército industrial de reserva. A liquidação de direitos sob o tacão de um regime de exceção pode atrair investimentos lucrativos na produção se combinada com uma eventual redução da taxa de juros. Os salários no Brasil já estão em um patamar muito baixo, abaixo dos chineses.

Os salários por hora na indústria chinesa triplicaram entre 2005 e 2016 para US\$ 3,60, segundo a Euromonitor. Nesse mesmo período eles caíram no Brasil, de US\$ 2,90 para US\$ 2,70... Isso significa que a China pode perder empregos para outros países em desenvolvimento que estão dispostos a cortar os valores pagos aos trabalhadores (UOL, 18/02/2017)

Mesmo uma leve recuperação produtiva pode reverter o espírito atual de acuamento da classe, se aumentarem as contratações, cair o desemprego (mesmo em situação de relativa precarização do trabalho), a desigualdade dentro da classe diminuir pelo rebaixamento geral das condições de vida. E se, sobretudo, uma nova esquerda souber reconstruir-se e unificar-se contra os velhos partidos oportunistas e o sectarismo pró-golpe a partir das lutas de resistência de agora.

Um novo “reaquecimento industrial pode fazer ressurgir a coesão do proletariado, infundindo nova vida”, dando uma liga genuína o reagrupamento dos melhores combatentes da vanguarda de resistência ao regime golpista em um nível incomparavelmente superior as “frentes amplas”, “populares” ou “de esquerda” ainda viciadas de caudilhismo, oportunismo, burocratismo e sectarismo, e “restabelecer a confiança do proletariado em si mesmo e colocá-lo em posição de voltar a luta. Essa perspectiva pode inclusive ser “inevitável” e isso provocará “uma nova onda de greves, após a qual uma nova crise econômica desencadearia a luta revolucionária novamente.” Mas, como aprendemos com Lenin, a proliferação das

greves e a própria greve geral, como a que os trabalhadores brasileiros fizeram em 28 de abril de 2017, que segundo seus organizadores mobilizou 40 milhões de pessoas (Revista Exame, 2017). Mesmo que fosse por muitos dias, a greve geral em si não conduz necessária e linearmente a revolução social, como demonstram a maioria dos processos revolucionários e as experiências de greves gerais na história.

Mas a “escola de guerra” ainda não é a própria guerra. Quando as greves alcançam grande difusão, alguns operários (e alguns socialistas) começam a pensar que a classe operária pode limitar-se às greves e às caixas ou sociedades de resistência, que apenas com as greves a classe operária pode conseguir uma grande melhora em sua situação e até sua própria emancipação. Vendo a força que representam a união dos operários e até mesmo suas pequenas greves, pensam alguns que basta aos operários deflagrarem a greve geral em todo o país para poder conseguir dos capitalistas e do governo tudo que queiram. Esta opinião também foi expressada pelos operários de outros países quando o movimento operário estava em sua etapa inicial e os operários ainda tinham muito pouca experiência. Esta opinião, porém, é errada. As greves são um dos meios de luta da classe operária por sua emancipação, mas não o único, e se os operários não prestam atenção a outros meios de luta, atrasam o desenvolvimento e os êxitos da classe operária. (Lenin, 1899)

Tomamos o “cuidado de não buscar estabelecer uma relação de dependência automática da política com a economia” e pode não acontecer esse cenário, “mais otimista” desenhado acima.

O pior cenário: e se não houver recuperação depois de uma recessão prolongada

A dinâmica recessão-refluxo-reaquecimento produtivo-novo ascenso da luta dos trabalhadores no Brasil que traçamos acima pode não se realizar. A história da luta de classes não é linear. No momento, desde 2016 até agora, a economia não mostrou ainda nenhuma retomada significativa, pelo contrário, o desemprego foi que pareceu mais consistente.

O movimento no sentido da recessão ainda não chegou ao fim. O fundo do poço ainda é mais embaixo. O pior ainda não passou. A classe trabalhadora será submetida a sacrifícios maiores, quase ainda não sentiu as mudanças legislativas que legalizaram seu inferno. O golpe de Estado parlamentar teve como principal objetivo a expropriação dos direitos históricos da classe trabalhadora. O pacote de maldades aprovado pelo legislativo, a radicalização do arrocho fiscal em favor do capital financeiro, ainda não baixaram a terra, não agravaram as condições de vida da maioria da população, não foram sentidos com toda sua profundidade pelas massas.

É importante destacar também que antes do “milagre brasileiro” (1968-1973) a realidade internacional era de crédito barato e abundante e o mercado internacional para

manufaturados relativamente acessível. Durante os três primeiros governos do PT (2003-2014), também houve um relativo crescimento do mercado interno que permitiu uma expansão do consumo interno. Mas, com a austeridade atual dos salários e com o mercado mundial se fechando, a retração dos IEDs e o protecionismo em alta (Brexit, Trump, etc.), não parece que ocorrerá um novo ciclo de recuperação econômica, a curto prazo.

No Brasil, o governo pode até reduzir juros para criar benefícios para o capital, também pode ocorrer uma tendência de redução da inflação mas, enquanto o consumo de massas estiver condicionado a perda de direitos e baixos salários, o consumo interno não se recuperará. Para criar consumo teriam que elevar salários e estimular a renda interna. E a única política econômica atual é de arrocho e austeridade sobre o proletariado e a pequena burguesia, combinada ao recrudescimento da repressão política e social que aponta para a consolidação de um regime mais assentado no aparato repressivo policial e militar que o atual, ainda que esse regime continue mantendo as aparências civis e democráticas, sem fechar o congresso ou suspender a realização de eleições.

Se o cenário acima prevalecer, se a resultante dos anos recessivos não for um novo “milagre brasileiro” e se, externamente, o aquecimento da atual guerra fria disputada pelos EUA, de um lado, Rússia e China, de outro, com seus respectivos aliados, não desembocar em uma terceira guerra mundial que pode abrir o caminho para uma nova recuperação produtiva, como ocorreu após a segunda guerra, os trabalhadores e sua vanguarda mais combativa precisarão se preparar para uma luta de resistência ainda mais encarniçada, prolongada, contra o regime político ditatorial correspondente a barbárie que esse curso econômico gerará.

BIBLIOGRAFIA

ARANDIA, Alejandro Kuajara. O Emprego Em 1989: Uma tentativa de recuperação em fim de década? Disponível em: <https://revistas.fee.tche.br/index.php/indicadores/article/viewFile/180/390>. Acesso em 14/05/2018.

BIONDI, Aluysio. O desemprego e o festival de enganos, Revista Isto É, 1980. Disponível em: <http://www.aloysiobiondi.com.br/spip.php?article703>. Acesso em 14/05/2018.

GASPARI, Elio. A Ditadura Escancarada. São Paulo:Cia. das Letras, 2002, Disponível em: <https://escrevivencia.files.wordpress.com/2017/01/elio-gaspari-a-ditadura-escancarada.pdf>. Acesso em 14/05/2018.

GIANNOTTI, Vito. História Das Lutas Dos Trabalhadores No Brasil. Rio de janeiro, Mauad X, 3ª edição revista e ampliada, 2009.

<http://www1.folha.uol.com.br/mercado/2017/02/1862186-trabalhador-brasileiro-ja-ganha-menos-do-que-um-chines-aponta-estudo.shtml>

LENIN, Vladimir Ulianov. Sobre as Greves, 1899. Disponível em:

<https://www.marxists.org/portugues/lenin/1899/mes/greves.htm>. Acesso em 14/05/2018.

Rede Brasil Atual. Greves em 2013 atingiram recorde e mobilizaram 2 milhões de trabalhadores, 22/12/2015.

Disponível em: <http://www.redebrasilatual.com.br/trabalho/2015/12/greves-em-2013-atingiram-recorde-e-mobilizaram-2-milhoes-7006.html>. Acesso em 14/05/2018.

Tendência Leninista Trotskista. *Introdução a obra Como os bolcheviques organizaram os desempregados*, 1931 de Sergei Malyshev, maio de 1992. Disponível em: <https://lcligacomunista.blogspot.com.br/2016/12/como-os-bolcheviques-organizaram-os.html>. Acesso em 10/03/2018.

TROTSKY, Leon. La Tercera Internacional después de Lenin (o *Stalin*, el gran organizador de derrotas), 1928.

Disponível em: <https://www.marxists.org/espanol/trotsky/eis/1928-comintern-depues-de-lenin.pdf>. Acesso em 14/05/2018.

TROTSKY, Leon. *Minha Vida – Ensaio autobiográfico*; tradução de Livio Xavier, 2ª edição, Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1979.